

*Neste trabalho propõe-se uma leitura crítica da inserção literária feminina nas sociedades angolana e brasileira através do estudo das relações entre as poetisas Ana Paula Tavares e Conceição Evaristo e as construções de sentido comuns em ambas no que diz respeito às representações identitárias, a partir da análise da construção do discurso da diferença no qual se expressam as vozes dessas mulheres negras, tendo como subsídio as teorias do feminismo negro e os estudos de gênero que colocam em suspensão diversos conceitos e estruturas estabelecidas. O estudo comparativo entre dois universos poéticos tão díspares é um exercício de desconstrução da idéia de Mulher enquanto categoria unitária e homogênea. A identidade diaspórica construída, experimentada e reivindicada por Conceição Evaristo remete imediatamente à sua descendência negro-africana. Paula Tavares, de outro lado, provoca um deslocamento em relação aos temas caros à literatura angolana.*

## **O sexo e a cor do poema: leituras de Ana Paula Tavares e Conceição Evaristo**

**Fernanda Rodrigues de Miranda<sup>1</sup>**

### **Introdução**

Mulher é uma identidade politicamente assumida, a qual está invariavelmente ligada aos lugares social, cultural, geográfico, econômico, racial, sexual, libidinal, etc., que ocupamos e a partir do qual lemos e interpretamos o mundo.

Claudia de Lima Costa.

Historicamente a literatura se configurou como uma possibilidade de leitura do mundo, estabilizando conceitos e trabalhando a fixação de identidades e de relações. Em muitos casos a criação do cânone literário nacional evidencia um projeto ideológico que está diretamente ligado com a imagem do país que se quer preservar, pois a literatura serve de suporte aos discursos identitários coletivos, especialmente para a formação das “comunidades imaginadas”, ou, ainda, para a criação de valores e tradições.

Entretanto, esses significados coletivos apresentam, em geral, conformidade simbólica, política e histórica conciliável apenas com os propósitos dos grupos sociais hegemônicos e o cânone literário pode ser resultado de uma forma autoritária de organizar o mundo, hierarquizando-o a partir das categorias do gênero, da etnia e da propriedade. Por isso, a literatura produzida por mulheres, e mais fortemente, a

<sup>1</sup> Graduanda em Letras - Portuguesa – USP – Universidade de São Paulo – fernanda.miranda@usp.br

literatura produzida por mulheres negras é continuamente caracterizada num plano inferior pela crítica dita “universal”.

A obra literária, sendo um produto da cultura, é tanto política e economicamente quanto social e historicamente fundamentada. Os significados e efeitos que a literatura veicula estão em consonância com o regime interno que organiza seus enunciados e, mesmo que esta desenvolva uma relação autônoma com o sistema de códigos e regras que a rodeia através da construção, pelo sujeito, de um lugar discursivo imaginário para negociar com a sociedade, esse regime interno está intrinsecamente comprometido com as dinâmicas de poder e agenciamento.

Entende-se que os pensamentos feministas se constituem como resultado da coadunação entre campo teórico e práticas políticas, e apontam para múltiplas direções, colocando-se em diálogo com as ciências humanas de um lado, e de outro, mantendo a distância necessária para fazer a crítica da cultura e das representações ideológicas que estão imbricadas na própria produção desses conhecimentos científicos.

Evidentemente, às fissuras e às fendas que seus textos introduzem no campo discursivo há que se fazer um exercício de crítica igualmente emancipado. Seria inútil ler escritos que se constituem à margem do centro sob a ângulo das teorias canônicas de interpretação. Assim como é fundamental construir leituras anti-canônicas dos textos clássicos. Nesse sentido, o respaldo das teorias feministas para uma melhor compreensão dos textos das poetisas em foco foi pontual neste trabalho, alinhando seu resultado às linhas de conhecimento e de prática de vida contra-hegemônicas.

Trata-se de uma ‘tomada de posição’ diante dos métodos de construção de significados das ciências humanas e de sua arqueologia e, conseqüentemente, dos próprios métodos feministas, objetivando o exercício retroalimentado de provocar estranhamento nos discursos que produzem verdades, impedindo, dessa forma, sua naturalização no tempo.

As pesquisadoras/ativistas do feminismo negro apontam a incapacidade das teorias e das práticas políticas feministas ocidentais, que almejam dar conta do feminino em sociedades multirraciais e pluriculturais, como a brasileira e a norte americana, onde a “raça” é um fator de desigualdade intra-gênero:

“A diversificação das concepções e práticas políticas que a ótica das mulheres dos grupos subalternizados introduzem no feminismo é resultado de um



Escritora Conceição Evaristo

processo dialético que, se, de um lado, promove a afirmação das mulheres em geral como novos sujeitos políticos, de outro exige o reconhecimento da diversidade e desigualdades existentes entre essas mesmas mulheres.” (Sueli Carneiro, 2003)

Evitando a pré-disposição oposicionista entre os feminismos negro e branco, é preciso entender o racismo enquanto sistema que forma estruturas e instituições e que permeia a relação de gêneros, racializando a sexualidade, por exemplo. De acordo com a autora Avtar Brah, (2006):

“a crítica feminista negra aponta a necessidade de analisar a construção ideológica da feminilidade branca através do racismo. Isto é essencial porque há uma tendência a tratar questões de desigualdade através do foco único nas vítimas (...). O sujeito político do feminismo negro descentra o sujeito unitário e masculinista do discurso eurocêntrico, e também a versão masculinista do “negro” como cor política, ao mesmo tempo em que perturba seriamente qualquer noção de “mulher” como categoria unitária”.

Essa perspectiva descentraliza o lugar que as feministas reservaram ao gênero enquanto categoria-mor de análise da opressão, e o coloca em articulação ou em interseccionalidade com outras estruturas, permitindo a multiplicidade das abordagens.

Partindo desses referenciais teóricos, o ato de embrenhar-se nas palavras de uma poeta africana e de outra afro-brasileira faz-se com cuidado: o chão de suas rimas está do outro lado do cercado, onde o cânone literário ocidental não planta nem colhe.

A identidade diaspórica construída, experimentada e reivindicada por Conceição Evaristo remete imediatamente à sua descendência negra-africana, inserida na dinâmica das relações sociais e raciais próprias do Brasil, porém resgatada constantemente como sinal de resistência, pois a poeta formula um conceito de terra de origem, recuperada a partir de sua afro-descendência:

“Quando se está longe da terra conhecida, às vezes, basta aguçar certos sentidos para experimentar o gozo da invenção do retorno. Quando a terra desejada é desconhecida pode-se perder nos incógnitos caminhos, mas nunca deixar esmorecer o desejo da viagem.”

A obra poética de Conceição Evaristo, reunida no Poemas da Recordação e Outros Movimentos, pratica uma escrita inserida na objetividade social e histórica e ao mesmo tempo crítica à ela, porém realizada a partir do relato íntimo, de um lugar de enunciação específico que se ancora em pontos de intersecção das diferenças, de raça, de orientação sexual, de gênero, etc., elementos que formam entrelaçamentos de sentidos em seu discurso. Desse modo, a autoconstrução de si dá-se por um processo de positivação da identidade de mulher negra, espelhada numa coletividade e na memória de seu grupo étnico:

1. VOZES-MULHERES

2. A voz de minha bisavó

3. ecoou criança  
nos porões do navio.  
Ecoou lamentos  
de uma infância perdida.

A voz de minha avó  
ecoou obediência  
aos brancos-donos de tudo.

A voz de minha mãe  
ecoou baixinho revolta  
no fundo das cozinhas alheias  
debaixo das trouxas  
roupagens sujas dos brancos  
pelo caminho empoeirado  
rumo à favela.

A minha voz ainda  
ecoava versos perplexos  
com rimas de sangue  
e  
fome.

A voz de minha filha  
recorre todas as nossas vozes  
recolhe em si  
as vozes mudas caladas  
engasgadas nas gargantas.

A voz de minha filha  
recolhe em si  
a fala e o ato.

O ontem – o hoje – o agora.

Na voz de minha filha  
se fará ouvir a ressonância

O eco da vida-liberdade.

A reivindicação do lugar de mulher-sujeito que se auto-inscreve no poema é substancial na obra de Conceição, produzindo uma literatura de empoderamento, onde por vezes a ironia do discurso é voltada para um interlocutor masculino que representa o olhar sexualizado lançado sobre a mulher negra-objeto, secularizada em nossa tradição literária, modelo com o qual se rompe definitivamente.

#### DO FOGO QUE EM MIM ARDE

Sim, eu trago o fogo,  
o outro,  
não aquele que te apraz.  
Ele queima sim,  
é chama voraz  
que derrete o bico de teu pincel  
incendiando até às cinzas  
o desejo-desenho que fazes de mim.

Sim, eu trago o fogo,  
o outro,  
aquele que me faz,  
e que molda a dura pena  
de minha escrita.  
É este o fogo,  
o meu, o que me arde  
e cunha a minha face  
na letra desenho  
do auto-retrato meu.

Se para a crítica negro-feminista da literatura uma das grandes questões é o abandono das armadilhas da representação da mulher negra a partir do olhar formador falocêntrico e eurocêntrico, que dita as regras hegemônicas de manifestação do desejo, e, dialogando com as diversas áreas de estudos voltadas para a negação do silenciamento imposto às minorias destituídas do poder de fala, Conceição Evaristo constrói uma poética-manifesto.

#### MEIA LÁGRIMA

Da língua cortada,  
digo tudo,  
amasso o silêncio  
e no farfalhar do meio som  
solto o grito do grito do grito  
e encontro a fala anterior,  
aquela que emudecida,  
conservou a voz e os sentidos  
nos labirintos da lembrança.

A expressão da experiência da sexualidade também é observável em sua obra, através de uma linguagem erótica que põe em evidência os desejos e a vivência deles. O amor por um corpo igual, abrindo caminhos para formas de afetividade que vão além das normativas, irrompe à superfície da palavra, fortalecendo o discurso da diversidade no campo do literário ao ressaltar o papel do homoerotismo para a construção de uma alteridade que rompe com as

categorias tradicionais de manifestação do desejo do que se convencionou denominar feminino.

M e M

Nos olhos o fogo e o afago  
denunciam desejos,  
labaredas cozinham  
pacientemente a espera.

A mulher quedou-se  
e na quietude  
encontrou a sua nova veste  
que suavemente se desfaz  
em corpos iguais  
que se roçam.  
Maria e Maria,  
espelho único,  
onde a outra face  
é ela e ela.



Ana Paula Tavares, do outro lado do atlântico, provoca um deslocamento em relação aos temas caros à literatura angolana. A memória feminina que ela resgata nos poemas traz à superfície da fala vozes que estiveram caladas, construindo desse modo uma experiência que pode ser coletivizada. Assim, supera-se a esterilidade da vivência individual do silêncio e narra-se a experiência partilhável no poema, explorando os subterrâneos dessa experiência a partir do resgate das

vozes ancestrais da Mãe e da Avó. Nesse sentido, Paula Tavares mobiliza a tradição e a memória de seu povo, articulando em sua voz todas as vozes que formaram essa tradição. Sem apagar as marcas profundas deixadas nos imaginários pela história oficial, ela nos conta outra história, nascida de dentro dos atos antigos das mulheres, construindo assim uma identidade coletiva angolana feminina.

A literatura de autoria feminina em sociedades pós-coloniais é considerada por Gayatri Spivak (1989) um processo metonímico da saga das mulheres, se usada como ferramenta de denúncia que possibilita a quebra de mitos e preconceitos há muito reforçados pelo discurso patriarcal. Evidentemente há muitas autoras que são simplesmente informantes nativas das

histórias orais de sua cultura, sendo pouquíssimos os nomes representativos das rasuras, das fissuras à dupla dominação, ou quiçá da ruptura.

Nesse sentido, de uma linguagem sensorial, táctil, erótica e sintética, Paula experiencia o que está além dos limites, inscrevendo o corpo feminino entre as belezas da terra natal e a manifestação dos desejos latentes.

#### A MANGA

Fruta do paraíso  
 companheira dos deuses  
 as mãos  
 tiram-lhe a pele  
 dúctil  
 como, se, de mantos  
 se tratasse  
 surge a carne chegadinha  
 fio a fio  
 ao coração:  
 leve  
 morno  
 mastigável  
 o cheiro permanece  
 para que a encontrem  
 os meninos  
 pelo faro.

No livro Ritos de Passagem, Ana Paula Tavares desmascara o olhar masculino sobre o corpo da mulher, e ao fazê-lo, desconstrói a imagem subjetiva que a enquadrava na perspectiva da masculinidade. A linguagem condensada em metáforas dificulta a circulação ampla do sentido, resultando numa produção poética condizente a um sistema social onde a voz feminina livre não é autorizada. Linguagem pautada no erotismo sensorial, fortifica a expropriação da subjetividade da mulher, que é comida como uma fruta.

Contudo, a experiência narrada no poema não está unicamente na dimensão do indivíduo, mas sim de uma coletividade, que no caso de Paula, diz respeito a um grupo social e não à nação. É relevante afirmar que a poeta fala com as mulheres, e não por elas, estabelece interlocutoras sem construir uma categoria universalizante para representar a mulher angolana.

Discute-se não somente a voz masculina, mas a postura da comunidade e o arcabouço da cultura que cobre a mulher com suas “pulseiras pesadas”.

#### RAPARIGA

Cresce comigo o boi com que me vão trocar  
 Amarraram-me às costas da tábua de Eylekessa  
 Filha de Tembo

organizo o milho  
 Trago nas pernas as pulseiras pesadas  
 Dos dias que passaram...  
 Sou do clã do boi –  
 Dos meus ancestrais ficou-me a paciência  
 O sono profundo do deserto,  
 a falta de limite....  
 Da mistura do boi e da árvore  
 a efervescência  
 o desejo  
 a intranquilidade  
 a proximidade  
 do mar  
 Filha de Huco  
 Com sua primeira esposa  
 Uma vaca sagrada,  
 concedeu-me  
 o favor de suas tetas úberes.

Desse modo, podemos entender o poema como um ato de compartilhamento de uma experiência feminina que, inserida nos costumes e na tradição da terra, pode ser profundamente opressiva para a mulher. Pois, embora nos estudos em torno das literaturas africanas observemos a inclinação para perceber o que está na obra como dado da cultura, quase como algo documental, desconsiderando o caráter primordialmente ficcional da obra de arte e sua capacidade de construir mundos, a poética de Paula Tavares, sendo ela própria historiadora de formação, relaciona as práticas cotidianas aos sistemas abstratos e aos mitos, bem como aos processos históricos nos quais emergem essas práticas.

Ana Paula Tavares não se auto-conclama feminista, mas, se não podemos ler seus textos como contracultura, contra-discurso, devemos certamente lê-los como discussão e questionamento da tradição e dos rituais.

A leitura em paralelo das obras de Conceição Evaristo e Ana Paula Tavares é frutífera por diversos motivos. Se por um lado Conceição Evaristo escreve a partir de um lugar identitário diaspórico, construindo e reconstruindo sua identidade a partir das particularidades étnicas e assumindo uma narrativa de origem pautada na cultura e na história afro-brasileiras, Ana Paula Tavares dá verde novo para as experiências femininas de Angola, abrindo caminhos dentro dos temas assentados no cânone literário estabelecido, e alimentando um discurso poético de transgressão que simultaneamente implanta fendas e reinventa, através dos provérbios, dos símbolos e mitos, ângulos da tradição cultural.

A reinvenção e às vezes o retorno à tradição pode parecer conservador num primeiro momento, mas esse exercício em Paula é bem mais complexo, não cabendo entendê-lo através da simples polarização ruptura/conservação. O cuidado da memória e dos caminhos de origem dos antepassados se colocam como elementos de resistência numa fala construída em um contexto histórico nacional de pós-guerra, de desilusão e desesperança. É latente em



seus poemas a especificidade da diáspora, posto que o colonialismo provocou o deslocamento dos modos de vida, o corte da identidade cultural, a ser buscado e remodelado, já em outra Angola:

A tecedeira seguiu  
com as mãos  
o movimento do sol  
a tecedeira criou  
o mundo  
com os dedos leves de amaciar  
as fibras.

A memória em Conceição Evaristo também potencializa sentidos de resistência e auto-afirmação. Sua poesia negra instaura o espaço para o discurso daquele que na formação simbólica do Brasil se considerou sempre “o outro”.

Nas palavras da poeta:

“Para determinados povos, principalmente aqueles que foram colonizados, a poesia torna-se um dos lugares de criação, de manutenção e de difusão de memória, de identidade. Torna-se um lugar de transgressão ao apresentar fatos e interpretações novas a uma história que antes só trazia a marca, o selo do colonizador. É também transgressora ao optar por uma estética que destoa daquela apresentada pelo colonizador. Viver a poesia em tais circunstâncias, de certa forma, é assegurar o direito à fala, pois pela criação poética pode-se ocupar um lugar vazio apresentando uma contrafala ao discurso oficial, ao discurso do poder.”

“Aqueles que foram colonizados” formam uma comunidade a-territorial, unidos pela experiência da colonização que de um lado acarretou a diáspora, espalhando os povos negros pelo mundo, e que de outro criou uma terra estrangeira na terra de origem, forçando a (re)invenção da pátria e da nacionalidade.

O foco narrativo gendrado é também ponto comum entre as duas poetisas, nutrindo, cada uma a seu modo, signos do erotismo, da sexualidade manifesta e da auto-inscrição, pautando fissuras na identidade hegemônica que as silenciava.

### Referências bibliográficas

BRAH, Avtar. Diferença, Diversidade, Diferenciação. In: Cadernos Pagu (26), Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu/Unicamp, 2006

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. Estudos Avançados 17 (49), 2003

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma voz quilombola na literatura brasileira. Artigo disponível na internet.

EVARISTO, Conceição. Poemas da Recordação e Outros Movimentos.

LABAN, Michel. Angola – Encontro com Escritores. Porto: Fundação Eng. Antonio de Almeida, 1991.

SPIVAK, Gayatri C. Who Claims Alterit? Remaking History: discussion in contemporary history. KRUGER, Barbara; MARIANI, Phil. Seattle: Bay Press, 1989. p. 269-292.

TAVARES, Ana Paula. Ritos de passagem. Luanda: União dos Escritores Angolanos, 1985.

\_\_\_\_\_. Manual para amantes desesperados. Lisboa: Editorial Caminho, 2007

\_\_\_\_\_. O lago da lua. Lisboa: Editorial Caminho, 1999.

\_\_\_\_\_. Dize-me coisas amargas como os frutos. Lisboa: Editorial Caminho, 2001

\_\_\_\_\_. Ex-votos. Lisboa : Editorial Caminho, 2003